DOI: 10.20396/cel.v68i00.8683061

POLISSEMIAS SEMÂNTICAS NAS LÍNGUAS CRIOULAS AFRO-EUROPEIAS DO ATLÂNTICO

SEMANTIC POLYSEMY IN ATLANTIC AFRO-EUROPEAN CREOLES

Ariele Helena Holz Nunes[1]

Resumo: Este estudo descreve e analisa a ocorrência de três polissemias semânticas (‘animal, carne’, ‘beber/puxar, fumar’ e ‘ouvir/ver, entender’) (Heine; Leyew, 2008) em nove línguas crioulas atlânticas. Para tanto, aplicou-se uma metodologia tipológica e comparativa. As línguas da amostra são faladas na África e no Caribe: lung’Ie, santome, angolar (São Tomé e Príncipe), fa d’Ambô (Guiné Equatorial), guineense (Guiné-Bissau), kabuverdianu (Cabo Verde), papiamentu (Aruba, Bonaire e Curaçao), palenquero (São Basílio de Palenque, Colômbia) e haitiano (Haiti). Os dados foram coletados em dicionários e descrições linguísticas disponíveis na literatura. As polissemias ‘animal, carne’, ‘beber/puxar, fumar’ e ‘ouvir/ver, entender’ são descritas como traços utilizados para identificar a África como uma área linguística (Greenberg, 1959, 1983; Heine; Leyew, 2008). Com relação aos resultados, este estudo não identificou a ocorrência da polissemia ‘animal, carne’ em nenhuma língua crioula da amostra. Por outro lado, a polissemia ‘beber, fumar’ foi atestada no lung’Ie e no fa d’Ambô. Este estudo atribui a ocorrência dessa polissemia à influência das línguas africanas na formação sócio-histórica dessas línguas, já que o uso polissêmico dos dois verbos não ocorre no português. Já a polissemia ‘ouvir, entender’ foi constatada nas línguas crioulas do Golfo da Guiné (lung’Ie, santome, angolar e fa d’Ambô) e no guineense. Neste estudo, a polissemia ‘ouvir, entender’ é interpretada como um caso de convergência linguística (Baptista, 2020; Faraclas *et al*., 2014) entre a língua lexificadora (português) e as línguas de substrato. Finalmente, as polissemias ‘puxar, fumar’ e ‘ver, entender’ não ocorrem nas línguas crioulas da amostra.
Palavras-chave: línguas crioulas; línguas africanas; polissemia semântica.

Abstract: This paper describes and analyses three kinds of semantic polysemy (‘animal, meat’, ‘drink/pull, smoke’ and ‘hear/see, understand’) (Heine; Leyew, 2008) in nine Atlantic creoles. This study uses a typological and comparative methodology. The language sample has nine Atlantic creoles spoken in Africa and Caribbean areas: Lung’Ie, Santome, Angolar (São Tomé and Príncipe), Fa d’Ambô (Equatorial Guinea), Guineense (Guinea-Bissau), Kabuverdianu (Cape Verde), Papiamentu (Aruba, Bonaire and Curaçao), Palenquero (San Basilio of Palenque, Colombia) and Haitian (Haiti). The data was collected in dictionaries and linguistic descriptions available in literature. The polysemy ‘animal, meat’, ‘drink/pull, smoke’, and ‘hear/see, understand’ are described as features used to identify Africa as a linguistic area (Greenberg, 1959, 1983; Heine; Leyew, 2008). Regarding the results, this study did not identify the occurrence of the polysemy ‘animal, meat’ in any creole language in the sample. On the other hand, the polysemy ‘drink, smoke’ was attested in Lung’Ie and Fa d’Ambô. This study attributes the occurrence of this polysemy to the influence of African languages on the socio-historical formation of these languages, since this polysemy does not occur in Portuguese. The polysemy ‘hear, understand’ was found in the Gulf of Guinea Creoles (Lung’Ie, Santome, Angolar, and Fa d’Ambô) and in Guineense. In this study, the polysemy ‘hear, understand’ was interpreted as a case of linguistic convergence (Baptista, 2020; Faraclas *et al*., 2014) between the lexifier language (Portuguese) and the substrate languages. Finally, the polysemy ‘pull, smoke’ and ‘see, understand’ do not occur in the creole languages of this sample.
Keywords: Creole languages; African languages; semantic polysemy.

[1] Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. holz.ariele@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-7127-2623>.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo[2] descreve e analisa três polissemias semânticas, propostas como características areais das línguas africanas (Greenberg, 1959, 1983; Heine; Leyew, 2008), em nove línguas crioulas atlânticas: lung'Ie (pre)[3], santome (cri), angolar (aoa), fa d'Ambô (fab), guineense (pov), kabuverdianu (kea), papiamentu (pap), palenquero (pln) e haitiano (hat). Para Heine e Leyew (2008), as polissemias representam um campo amplo para a identificação de *africanismos*, ou seja, estruturas típicas de línguas africanas.

Conforme Heine e Leyew (2008), as polissemias 'ouvir(A)/ver(B), entender' e 'beber(A)/puxar(B), fumar' possuem duas opções de ocorrência. Este artigo investiga a existência dos dois tipos de polissemias nas nove línguas crioulas da amostra, a saber: (i) 'ouvir, entender' ou 'ver, entender' e (ii) 'beber, fumar' ou 'puxar, fumar'. Serão utilizados como aporte teórico os trabalhos de Greenberg (1983), Viberg (1983), Boyeldieu (2008) e Vanhove (2008).

Para tanto, foi adotada uma metodologia tipológica e comparativa. Assim, polissemias semânticas associadas à tipologia de línguas africanas são investigadas em nove línguas crioulas atlânticas. Os dados foram coletados em dicionários e descrições linguísticas disponíveis na literatura. A análise proposta é exploratória, o objetivo é descrever se as línguas da amostra possuem os três tipos de polissemias semânticas e indicar quando diferenciam os termos.

Parkvall (2012, p. 226) destaca que: "As influências que os substratos exercem sobre a semântica continuam sendo uma área de estudo gravemente inexplorada". Todavia, estudos prévios apontam a existência de algumas polissemias semânticas nas línguas crioulas. Gilman (1986), ao propor correspondências com línguas africanas, discutiu polissemias que ocorrem em línguas crioulas afro-europeias, a saber: (i) 'mão' e 'braço', (ii) 'perna' e 'pé' e (ii) 'animal' e 'carne'. No APiCS (Michaelis *et al*., 2013), há a descrição de algumas polissemias semânticas em línguas crioulas, como, por exemplo: (i) 'mão' e 'braço' (Huber, 2013a) e (ii) 'ouvir' e 'cheirar' (Huber, 2013b).

Este artigo está dividido em cinco seções principais. Na seção 2 são apresentados os estudos prévios que abordam os três tipos de polissemia nas línguas do mundo, enfocando a ocorrência em línguas africanas. A seção 3 descreve a metodologia aplicada no estudo. Na seção 4 são discutidos os dados que comprovam a presença ou indicam a ausência das polissemias nas línguas crioulas da amostra. Finalmente, a conclusão traz os principais resultados e contribuições deste estudo.

2. POLISSEMIAS SEMÂNTICAS: UMA QUESTÃO AREAL AFRICANA

Este artigo se insere nos estudos de linguística areal e adota a noção de África como área linguística como aporte teórico (Greenberg, 1959; 1983; Heine; Leyew, 2008). Segundo Heine e Leyew (2008), um conjunto de onze traços[4] pode ser utilizado para identificar a África como uma área linguística[5]. As polissemias 'animal, carne',

[2] Este artigo é derivado da tese de Nunes (2025). "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001". A autora agradece o financiamento da CAPES, processo nº 88887.639125/2021-00.

[3] O código ISO 639-3 será indicado entre parênteses ao longo de todo texto.

[4] As polissemias investigadas neste estudo correspondem aos traços 7 (polissemia semântica 'beber(A)/puxar(B), fumar'), 8 (polissemia semântica 'ouvir(A)/ver(B), entender') e 9 (polissemia semântica 'animal, carne') no estudo de Heine e Leyew (2008, p. 29).

[5] Uma área linguística corresponde a uma região onde são faladas pelo menos três ou mais línguas, que compartilham traços linguísticos como resultado de contato linguístico (Thomason, 2000).

‘beber/puxar, fumar’ e ‘ouvir/ver, entender’ constituem esse conjunto de onze traços linguísticos e sua ocorrência simultânea em uma língua tende a ser mais esperada em uma língua africana do que em línguas faladas fora da África (Heine; Leyew, 2008). Nesse sentido, essa seção se ocupa de descrever os estudos prévios sobre essas polissemias semânticas e sua relação com a tipologia das línguas africanas.

Para Greenberg (1983), a polissemia semântica ‘animal, carne’ funciona como um traço *pan-africano*. Na visão do autor, não há evidências concretas da ocorrência dessa característica em qualquer lugar fora da África Subsaariana. Boyeldieu (2008) evidencia que a polissemia semântica ‘animal, carne’ não é restrita ao continente africano, uma vez que ocorre nas línguas Tibeto-Burman (Sudeste da Ásia) e na língua warlpiri (Austrália).

Greenberg (1983) afirma que é comum nesse contexto semântico que a mesma palavra seja utilizada para denominar um animal (Ex. porco, galinha) e o termo para a carne desse animal seja expresso com a mesma palavra[6]. Boyeldieu (2008) menciona alguns exemplos da ocorrência da polissemia ‘animal, carne’ em línguas africanas:

Quadro 1 – Exemplos da polissemia ‘animal, carne’ em línguas africanas

Língua	**Classificação**	**Exemplo**	**Glosa**
Ngbandi (ngb)	Ubangi (Niger-Congo)	sà	‘animal, carne de caça[7]’
Sar (mwm)	*Central-Sudanic* (Nilo-Saara)	də̰ə̰	‘animal (quadrúpede), carne de caça, carne’
Proto-Bantu	Bantu (Niger-Congo)	*nyàmà	‘carne, animal’

Fonte: Elaboração própria baseada em Boyeldieu (2008, p. 305).

Segundo Greenberg (1983, p. 498), o termo ‘carne’ parece ser primário e não marcado (mais comum) e o termo ‘animal’ tende a ser secundário e marcado (incomum). Logo, Greenberg (1983) sugeriu que o termo mais comum, que contempla a noção de ‘animal’ e ‘carne’, é o item lexical ‘carne’. Conforme o autor, em línguas Niger-Congo que possuem as duas palavras separadas, é comum que o termo para ‘animal’ seja a inovação.

Greenberg (1983) assume que, em algumas línguas Niger-Congo, é possível que existam dois termos separados, um para ‘animal’ e o outro para ‘carne’, mas ambos são oriundos da mesma raiz. Um exemplo ocorre na língua Banta tonga, em que há os itens *nyama* ‘carne’ e *munyama* ‘animal’ (Greenberg, 1983). Observa-se a mesma raiz, o que distingue os dois termos é o uso do prefixo *mu* no item lexical *munyama* ‘animal’, que está relacionado ao sistema de classes substantivas das línguas Bantas (Greenberg, 1983, p. 498).

No que concerne à distribuição do traço na África, Greenberg (1983) atestou a ocorrência dessa polissemia semântica nas famílias Niger-Congo, Nilo-Saara e Afro-Asiática. As evidências para as línguas Khoisan são escassas. O autor indica ainda a possibilidade desse traço ser encontrado em línguas crioulas: “Não investiguei a questão em relação aos pidgins e línguas crioulas de origem indo-europeia na África e no Caribe

[6] Esse fenômeno é atestado no português brasileiro. São exemplos as frases: “Comi (carne de) porco hoje” e “O porco fugiu da fazenda”, em que o item lexical *porco* é utilizado para representar o animal e a carne do animal.

[7] No original aparece como *game*, mas o autor afirma que a palavra *game* está associada à *meat* ‘carne’ (Boyeldieu, 2008, p. 305).

em detalhes, mas acredito que ela esteja geralmente presente" (Greenberg, 1983, p. 498, tradução própria)[8].

Em Boyeldieu (2008), há a discussão sobre a polissemia 'beber, fumar'. Segundo o autor, a polissemia 'beber, fumar' é atestada em várias línguas africanas. O Quadro 2 traz exemplos.

Quadro 2 – Exemplos da polissemia 'beber, fumar' em línguas africanas

Língua	**Classificação**	**Exemplo**	**Glosa**
Kasem (xsm)	Gur (Niger-Congo)	ñɔ̀	'beber, fumar'
Beja (bej)	Beja (Afro-Asiática)	$g^{w}ʔa$[9]	'beber, fumar'
Yulu (yul)	*Central-Sudanic* (Nilo-Saara)	ɔ̄ɔyə̄	'beber, absorver, ficar saturado, fumar'

Fonte: Elaboração própria baseada em Boyeldieu (2008, p. 308, adaptado).

A polissemia 'ouvir/ver, entender' está associada ao estudo dos verbos de percepção (*ver*, *ouvir*, *tocar*, *provar* e *cheirar*) (Vanhove, 2008; Viberg, 1983). Viberg (1983) realizou um trabalho tipológico sobre os verbos de percepção, que se baseia em línguas de diferentes famílias e regiões do mundo, incluindo as línguas africanas. Segundo Viberg (1983), as línguas podem expressar os verbos de percepção de forma distinta. Algumas línguas, como o inglês, possuem cinco verbos distintos (um para cada sentido), enquanto em outras línguas um único verbo pode cobrir mais de um significado.

Viberg (1983) propõe uma hierarquia que se aplica às modalidades de sentido. Assim, um verbo tem um significado conectado a determinada modalidade e o significado desse verbo pode se expandir para cobrir outra modalidade. De acordo com Viberg (1983, p. 136-137), um verbo com um significado associado a uma modalidade de sentido, que pertence a uma posição superior na hierarquia (à esquerda), pode ter seu significado ampliado, cobrindo algumas ou todas as outras modalidades de sentido que estão em uma posição inferior na hierarquia. Na hierarquia apresentada no Quadro 3, o verbo associado à modalidade visão pode cobrir outras ou todas as modalidades de sentido.

Quadro 3 – A hierarquia da modalidade de sentidos

A HIERARQUIA DA MODALIDADE (DE SENTIDOS)

visão > audição > tato > $\begin{Bmatrix}\text{cheirar}\\ \text{provar}\end{Bmatrix}$

Fonte: Adaptado de Viberg (1983, p. 136).

Ademais, Viberg (1983) sugeriu que há associações semânticas entre os verbos de percepção e os verbos de cognição. Assim, está previsto que os verbos de percepção possuem uma extensão semântica, cobrindo significados cognitivos adicionais (Viberg, 1983).

[8] Trecho original: "I have not investigated the question in regard to Indo-European based pidgins and Creoles in Africa and the Caribbean in detail, but believe it to be generally present" (Greenberg, 1983, p. 498).

[9] Em Boyeldieu (2008, p. 308) também consta o exemplo *g^{w}iham* 'tomar pequenos goles, engolir, fumar tabaco sem inalar' para a língua beja.

Quadro 4 – Extensão dos significados dos verbos de percepção

Percepção	**Cognição**	**Social**
Ver	saber, entender	encontrar/conhecer
Ouvir	saber, entender	encontrar/conhecer, obedecer
Sentir (ou tocar)	experienciar, pensar	saber-uma-pessoa
Provar	experienciar	
Cheirar	suspeitar (detectar um segredo)	

Fonte: Adaptado de Viberg (1983, p. 158).

van Putten (2020) discute a existência de dois verbos de percepção na língua avatime ((avn), Kwa, Niger-Congo, Gana), sendo: *mɔ̀* 'ver' e *nu* 'ouvir, sentir, provar, cheirar'. Com relação ao verbo *nu*, van Putten (2020) aponta que, além dos significados perceptuais, esse verbo apresenta três significados não-perceptuais[10]: (i) 'prestar atenção ou 'obedecer', (ii) 'entender/saber uma língua' e (iii) 'entender' (no contexto geral). Os exemplos na sequência ilustram a ocorrência da polissemia semântica 'ouvir, entender' na língua africana avatime. Em (1)[11] *nu* tem sentido de 'ouvir' e em (2) *nu* tem sentido de 'entender (uma língua)':

(1) mè-**nu** ò-zi ɔ̀tɔ (Avatime)
1s.PFV-perceive C2s-noise INDF
'Eu ouvi um barulho'.
(van Putten, 2020, p. 430, Ex. 2, adaptado).

(2) bá-lí-**nu** blɔ sɪ̀-yà (Avatime)
C1p.NEG-PROG.NEG-perceive 1p C7-language
'Eles não falam/entendem nossa língua'.
(van Putten, 2020, p. 438, Ex. 22, adaptado).

Embora os dados demonstrem a ocorrência polissêmica desse verbo, é possível que o uso de *entender* esteja associado ao sentido de *ouvir*, o que ocorre na língua igbo ((ibo), Igboid, Niger-Congo, Nigéria). Okeke e Okeke (2022) apontam que, em igbo, há os seguintes verbos de percepção: *hụ́* 'ver', *lé* 'olhar', *nụ́* 'ouvir', *gè* 'escutar', *mètụ́* 'tocar', *nụ́(ụ̄tọ̄)* 'provar' e *nụ́(ísì)* 'cheirar'. Os autores indicam que o verbo *nụ́* apresenta um sentido físico 'ouvir' e sentidos metafóricos, como: 'prestar atenção', 'obedecer', 'entender', 'estar informado', 'imaginar', 'desobedecer', entre outros (Okeke; Okeke, 2022, p. 10, adaptado). No exemplo (3), há o uso de *nụ́* com sentido de 'ouvir' e em (4) com sentido de 'entender':

(3) Emeka **nụ**-rụ olu akwa ya. (Igbo)
Emeka hear-pst voice cry pro
'Emeka ouviu o choro dela/dele'.
(Okeke; Okeke, 2022, p. 10, Ex. 5a).

[10] De acordo com van Putten (2020, p. 438), os três significados não-perceptuais do verbo *nu* estão relacionados à modalidade audição.
[11] Os exemplos e dados utilizados neste estudo foram mantidos conforme grafia e glosa original. Optou-se por traduzir apenas o significado das glosas.

(4) Eji m n'aka na ị **nụ**-rụ (Igbo)
hope pro prep-hand that pro hear-pst
ihe m kwu-ru?
what pro say-pst
'Espero que você tenha me (escutado) entendido?'.
(Okeke; Okeke, 2022, p. 10, Ex. 5d).

Foi observado nos exemplos (3) e (4) que o sentido de *ouvir* e *entender* estão associados, diferentemente do encontrado em (2), em que o sentido era 'entender (uma língua)'. Assim, é difícil avaliar se a polissemia semântica 'ouvir, entender' ocorre em igbo. São necessários dados que demonstrem o uso de *ouvir* e *entender* de maneira dissociada. Isso implicaria o uso de *entender* com o sentido de 'ter conhecimento, saber, compreender'.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma metodologia tipológica e comparativa. Compara-se a ocorrência de três polissemias semânticas ('animal, carne', 'beber/puxar, fumar' e 'ouvir/ver, entender') em nove línguas crioulas. As línguas que constituem a amostra são descritas no Quadro 5.

Quadro 5 – Línguas crioulas atlânticas da amostra

Língua	**Área**	**Localização**	**Língua Lexificadora**	**Substrato/ Adstrato**[12]
Guineense[13]	África	Guiné-Bissau	português	Línguas Mandês Línguas Atlânticas
Kabuverdianu (de Santiago)		Cabo Verde		
Lung'Ie		São Tomé e Príncipe		Línguas Edóides Línguas Bantas
Santome				
Angolar				
Fa d'Ambô		Guiné Equatorial		
Papiamentu	Caribe	Aruba, Bonaire e Curaçao	espanhol português	Línguas Atlânticas, Mandês, Bantas, Kwa
Palenquero		Colômbia (São Basílio de Palenque)		Línguas Bantas (Kikongo)
Haitiano		Haiti	francês	Línguas Kwa (Gbe)

Fonte: Elaboração própria.

[12] Este estudo segue as línguas de substrato propostas por Parkvall (2012) para as nove línguas crioulas da amostra.
[13] Dentre as línguas crioulas utilizadas neste estudo, o guineense é a única que ainda permanece em contato com línguas africanas não-crioulas, denominadas como "línguas étnicas" na Guiné-Bissau (Costa, 2014; Santos; Agostinho, 2024).

Os dados utilizados neste estudo foram coletados em descrições linguísticas disponíveis na literatura e em dicionários. No Quadro 6 estão descritas as fontes utilizadas para cada língua.

Quadro 6 – Fontes de coleta de dados

Língua	**Fonte**
Guineense	Scantamburlo (2002) e Stein (2021)
Kabuverdianu	Quint (1998)
Lung'Ie	Maurer (2009), Agostinho (2015) e Agostinho e Araujo (2021)
Santome	Hagemeijer (2007) e Araujo e Hagemeijer (2013)
Angolar	Maurer (1995), Lorenzino (1998) e Bandeira (2017)
Fa d'Ambô	Bandeira (2017) e Hagemeijer, Maurer-Cecchini e Zamora Segorbe (2020)
Papiamentu	Jacobs (2012) e Rivera Castillo (2022)
Palenquero[14]	Bickerton e Escalante (1970), Lipski (2015) e Schwegler (2025, comunicação pessoal)
Haitiano	Targète e Urciolo (1993), Freeman (2004) e Valdman, Moody e Davies (2017)

Fonte: Elaboração própria.

A coleta de dados consistiu na pesquisa de cada item que poderia ter uso polissêmico nas nove línguas crioulas da amostra. Assim, foram consultados dicionários e materiais diversos para verificar qual item era utilizado para os substantivos (*animal* e *carne*) e para os verbos (*beber*, *puxar*, *fumar*, *ouvir*, *ver* e *entender*) nas línguas. Adicionalmente, foram selecionados exemplos que comprovassem a relação de identidade ou de diferenciação entre os itens.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção se ocupa de descrever e analisar as três polissemias semânticas nas nove línguas crioulas investigadas. O Quadro 7 indica a presença ou a ausência das polissemias nas línguas da amostra.

Quadro 7 – Ocorrência das polissemias nas línguas da amostra

Polissemia	lung'Ie	santome	angolar	fa d'Ambô	guineense	kabuverdianu	palenquero	papiamentu	haitiano
'animal, carne'	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
'beber, fumar'	☑	∅	∅	☑	∅	∅	∅	∅	∅
'puxar, fumar'	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅
'ouvir, entender'	☑	☑	☑	☑	☑	∅	∅*[15]	∅	∅*
'ver, entender'	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅	∅

Fonte: Elaboração própria.

[14] Durante o desenvolvimento deste estudo não foi identificada a existência de um dicionário no palenquero, os dados foram extraídos de materiais diversos sobre a língua.

[15] Indica que as línguas utilizam o mesmo item para os dois contextos (*ouvir* e *entender*), mas a existência da polissemia foi descartada pela incerteza dos exemplos que comprovassem realmente o uso polissêmico.

A polissemia ‘animal, carne’ não foi atestada em nenhuma língua crioula da amostra. O Quadro 8 apresenta a ocorrência dos substantivos *animal* e *carne* nas nove línguas. Todas as nove línguas crioulas diferenciam os dois termos. Neste artigo, considera-se que as línguas crioulas da amostra não possuem a polissemia ‘animal, carne’ porque conservaram dois itens diferentes do léxico das línguas lexificadoras.

Quadro 8 – Substantivos *animal* e *carne* nas línguas da amostra

Língua	**Animal**	**Carne**	**Fonte**
Lung’Ie	bisu	kaani	Agostinho e Araujo (2021)
Santome	bisu	kani	Araujo e Hagemeijer (2013)
Angolar	bithu	kani	Maurer (1995)
Fa d’Ambô	lima, l’má, lim	khaañi	Hagemeijer, Maurer-Cecchini e Zamora Segorbe (2020)
Guineense	animal, limaria	karni	Scantamburlo (2002)
Kabuverdianu	lumária	kárni	Quint (1998)
Papiamentu	bestia	karni	Jacobs (2012), Rivera Castillo (2022)
Palenquero	nimá (<Span. *animal*)	kanne	Schwegler (2025, comunicação pessoal)
Haitiano	annimal	chè, vyann[16]	Targète e Urciolo (1993), Freeman (2004)

Fonte: Elaboração própria.

Os substantivos *animal* e *carne* nas línguas crioulas da amostra estão diretamente ligados aos itens equivalentes das línguas lexificadoras (português, espanhol e francês). Os itens *bisu* em lung’Ie e santome e *bithu* em angolar são associados à palavra *bicho* em português, a qual está semanticamente relacionada à palavra *animal*. Por outro lado, *lima~l’má~lim* no fa d’Ambô, *animal~limaria* no guineense e *lumária* no kabuverdianu fazem referência direta ao étimo *animal* do português. O item *bestia* do papiamentu deriva etimologicamente do espanhol. Já *nimá* do palenquero e *annimal* do haitiano derivam etimologicamente de *animal*, que ocorre no espanhol e no francês. Todas as línguas crioulas da amostra são lexificadas por línguas românicas, sendo *animal* um termo comum nesta família linguística. Logo, é esperado que esse item tenha sido conservado em línguas crioulas de diferentes bases lexicais.

O mesmo processo ocorre com o substantivo *carne*, que se realiza como *kaani*, *kani* e *khaañi* no Golfo da Guiné, como *karni~kárni* na Alta Guiné e no papiamentu, como *kanne* no palenquero e *ché* ou *vyann* no haitiano. Os itens lexicais do lung’Ie, santome, angolar, fa d’Ambô, guineense, kabuverdianu, papiamentu e palequero são etimologicamente derivados do português e/ou espanhol. No caso do haitiano, a língua pode utilizar tanto *chè*[17] quanto *vyann*, de modo que o segundo item pode estar etimologicamente associado à língua lexificadora, já que o francês utiliza *viande* para *carne*.

A polissemia ‘beber, fumar’ foi constatada apenas no lung’Ie e no fa d’Ambô, as outras línguas da amostra diferenciam os termos. Já a polissemia ‘puxar, fumar’ não foi

[16] Em Targète e Urciolo (1993, p. 37; 203), *chè a* equivale a *flesh* e *vyann nan* corresponde a *meat/flesh* do inglês. Já em Freeman (2004, p. 157; 967), *chè* equivale a *flesh/meat* e *vyann* corresponde a *meat/flesh*. Em português: *meat* ‘carne (alimento)’ e *flesh* ‘carne (tecido/do corpo)’.

[17] Nas fontes consultadas não há informações sobre a etimologia do item *chè* no haitiano.

constatada em nenhuma língua crioula atlântica da amostra. O Quadro 9 apresenta a ocorrência dos três verbos (*beber, puxar* e *fumar*) nas nove línguas crioulas da amostra.

Quadro 9 – Verbos *beber, puxar* e *fumar* nas línguas da amostra

Língua	**Beber**	**Puxar**	**Fumar**	**Fonte**	**Presença/Ausência da polissemia**
Lung'Ie	bêbê, tama	saa	tama	Maurer (2009), Agostinho e Araujo (2021)	Presença
Santome	bêbê, soka	saya	venta	Araujo e Hagemeijer (2013)	Ausência
Angolar	bêbê	siê	venta	Maurer (1995), Bandeira (2017)	Ausência
Fa d'Ambô	bêbê	sea	bêbê[18]	Hagemeijer, Maurer-Cecchini e Zamora Segorbe (2020), Bandeira (2017)	Presença
Guineense	bibi	djunda, pucha	fuma	Scantamburlo (2002)	Ausência
Kabuverdianu	bebe	puxa	fuma	Quint (1998)	Ausência
Papiamentu	bebe	pusha	huma	Jacobs (2012)	Ausência
Palequero	bebé	halá (<Span. *jalar*)	fumá	Schwegler (2025, comunicação pessoal)	Ausência
Haitiano	bwè	rale	fimen	Valdman, Moody e Davies (2017)	Ausência

Fonte: Elaboração própria.

Em (5) é possível perceber que o verbo *bêbê* é utilizado para representar a ação de 'fumar cachimbo' no fa d'Ambô. Como o verbo *fumar* não foi encontrado em outro material com significado independente, sugere-se que a língua emprega o uso polissêmico de *bêbê*.

(5) Vani tusa pa no **bêbê** canhidu. (Fa d'Ambô)
'Vamos sentar para fumar'.
(Schuchardt, 1888 *apud* Agostinho, 2020).

Agostinho e Araujo (2021, p. 184) mencionam a expressão *tama kintxiba* 'fumar cachimbo' no lung'Ie. Este estudo considera a existência da polissemia 'beber, fumar' no lung'Ie, já que a expressão *tama kintxiba* ainda é recorrente nesta língua crioula. É importante mencionar que *tama* é utilizado no lung'Ie para *tomar*, o que pode fazer referência ao verbo *beber* ou à ação de pegar alguma coisa. Esse tipo de dado é diferente de (5), no fa d'Ambô o próprio verbo *bêbê* é utilizado para *fumar*.

[18] Não foi identificada a ocorrência do verbo *fumar* nas fontes consultadas para o fa d'Ambô (Bandeira, 2017; Hagemeijer; Maurer-Cecchini; Zamora Segorbe, 2020; Zamora, 2007). Seguindo o exemplo de Schuchardt (1888 *apud* Agostinho, 2020), considera-se que o item *bêbê* é utilizado para *beber* e *fumar* nesta língua crioula.

(6) **tan** kintxiba. (Lung'Ie)
'fumar cachimbo' (lit. 'tomar cachimbo')
(Ribeiro, 1888 *apud* Agostinho, 2020).

A polissemia 'ouvir, entender' foi atestada em cinco línguas da amostra: lung'Ie, santome, angolar, fa d'Ambô e guineense. As outras línguas (kabuverdianu, papiamentu, palenquero e haitiano) utilizam verbos diferentes. Já a polissemia 'ver, entender' não foi constatada em nenhuma língua crioula da amostra. O Quadro 10 apresenta a ocorrência dos três verbos *ouvir*, *ver* e *entender* nas nove línguas crioulas da amostra. Nas línguas crioulas do Golfo da Guiné (lung'Ie, santome, angolar e fa d'Ambô), o étimo é derivado do verbo *entender* e no guineense, o étimo é derivado do verbo *ouvir*.

Quadro 10 – Verbos *ouvir*, *ver* e *entender* nas línguas da amostra

Língua	**Ouvir**	**Ver**	**Entender**	**Fonte**	**Presença/Ausência da polissemia**
Lung'Ie	tendê	vê, pya	tendê	Maurer (2009), Agostinho e Araujo (2021)	Presença
Santome	tendê, kuta	bê, pia	tendê	Hagemeijer (2007), Araujo e Hagemeijer (2013)	Presença
Angolar	endê	bê	endê	Maurer (1995), Lorenzino (1998)	Presença
Fa d'Ambô	tendê	bê	tendê	Hagemeijer, Maurer-Cecchini e Zamora Segorbe (2020)	Presença
Guineense	obi	odja	obi, intindi, ntindi	Scantamburlo (2002), Stein (2021)	Presença
Kabuverdianu	obi	odja	ntendi	Quint (1998)	Ausência
Papiamentu	tende, skuchá	wak, mira, weta	komprondé	Jacobs (2012), Rivera Castillo (2022)	Ausência
Palenquero	kuchá	miná	komprendé[19], entendé, (kuchá?)	Lipski (2015), Schwegler (2025, comunicação pessoal)	Ausência*[20]
Haitiano	tande	mire, vwa, wè	konprann, (tande?)	Freeman (2004), Targète e Urciolo (1993)	Ausência*[21]

Fonte: Elaboração própria.

[19] Schwegler (2025, comunicação pessoal) sugere que os verbos *komprendé* e *entendé* são empréstimos do espanhol no palenquero.
[20] Schwegler (2025, comunicação pessoal) sugere que *kuchá* pode ser utilizado para 'ouvir' e 'entender' no palenquero, mas o uso polissêmico não foi atestado nas fontes consultadas.
[21] Embora seja dicionarizado que *tande* pode ser utilizado para 'ouvir' e 'entender' no haitiano (Freeman, 2004; Targète; Urciolo, 1993), os exemplos indicam que o verbo *konprann* é mais utilizado para o sentido de 'entender'.

Para que a polissemia ‘ouvir, entender’ seja constatada na língua crioula é preciso que o verbo *entender* não esteja associado a *ouvir*. Conforme apresentado na seção 2, em algumas línguas africanas, a polissemia semântica ‘ouvir, entender’ aparece em sentenças do tipo *Maria entende a língua x*, as quais estão desvinculadas do sentido de *ouvir* e associadas ao sentido de *compreender* a língua. Desta forma, foi preciso encontrar exemplos nas línguas da amostra em que o verbo *entender* fosse utilizado para o sentido de *compreender* e exemplos em que o verbo *ouvir* tivesse sentido “auditivo”. No lung’Ie, santome, angolar, fa d’Ambô e guineense foram atestados exemplos do uso do verbo *entender* para o sentido de *entender uma língua*.

No lung’Ie, o verbo *tendê* apresenta o sentido de *ouvir* no exemplo (7) e o sentido de *entender/compreender* em (8). No exemplo (9) há o uso do verbo *ver* nesta língua crioula.

(7) Dêpôji ki ranha **têndê** beru [...]. (Lung’Ie)
after REL queen hear shout
‘Depois que a rainha ouviu os berros/gritos…’
(Maurer, 2009, p. 85, Ex. 501, adaptado).

(8) N **tendê** ingêxi fa. (Lung’Ie)
‘Eu não entendo inglês’.
(Agostinho, 2015, p. 345)

(9) N **vê** li ku atxi (Lung’Ie)
‘Eu vi ele contigo’.
(Agostinho; Araujo, 2021, p. 67, Ex. 19)

Observou-se que o verbo *tendê* ‘ouvir’ amplia o seu significado ao verbo de cognição *tendê* ‘entender’, mas não cobre o sentido do verbo *vê* ‘ver’. Conforme previsto na tipologia dos verbos de percepção de Viberg (1983), *ver* e *ouvir* podem cobrir o significado de outros verbos de percepção, já que estão no topo da hierarquia dos verbos de percepção (ver seção 2). Outra tendência esperada é que esses dois verbos não sejam utilizados para cobrir o significado um do outro. Dificilmente *ver* é utilizado para o sentido de *ouvir* e *ouvir* é utilizado para o significado de *ver*. São verbos que costumam cobrir os significados dos outros verbos de percepção (*tocar, cheirar* e *provar*), que ocupam outras posições na hierarquia (Viberg, 1983).

Segundo Maurer (2009, p. 237), o verbo *têndê* possui quatro significados no lung’Ie: *ouvir*, *entender*, *cheirar* e *obedecer*. Em (10), o verbo *tendê* é utilizado para *cheirar*. Assim, um verbo do topo da hierarquia (*ouvir*) cobre o sentido de um verbo inferir na hierarquia (*cheirar*).

(10) N **têndê** fidô. (Lung’Ie)
‘Eu senti/cheirei o fedor’.
(Maurer, 2009, p. 237)

Ademais, o verbo *tendê* é utilizado para cobrir o significado de um verbo social: *obedecer*. Esse tipo de ocorrência está de acordo com a tipologia dos verbos de percepção de Viberg (1983), tendo em vista que verbos de percepção podem ser utilizados para representar verbos de cognição (*saber, entender*) e verbos sociais (*obedecer, encontrar, conhecer*) (ver seção 2).

(11) Ê a **têndê** ningê fa. (Lung'Ie)
'Ele não obedece a ninguém'.
(Maurer, 2009, p. 237)

Nas outras línguas irmãs (santome, angolar e fa d'Ambô) não foram identificadas ocorrências em que o verbo *ouvir* ampliasse o seu significado para outros verbos além de *entender*, como foi observado no lung'Ie. Em função disso, não serão apresentados exemplos.

A última língua crioula da amostra que apresenta a polissemia semântica 'ouvir, entender' é o guineense. Nesta língua, o verbo *obi* pode ser utilizado para o significado de *ouvir* e *entender*, assim como nas línguas crioulas do Golfo da Guiné, conforme (12) e (13).

(12) N' **obi** ladra di katchur. (Guineense)
'Ouvi o latido do cachorro'.
(Stein, 2021, p. 182).

(13) Manga delis ka **obi** Kriol nin Portuguis. (Guineense)
'Muitos deles não entendem guineense nem português'.
(Scantamburlo, 2002, p. 422, adaptado)

Diferentemente, a modalidade visão é expressa no guineense através do verbo *odja* 'ver', que também ocorre no kabuverdianu. De forma semelhante às línguas crioulas do Golfo da Guiné, no guineense, o verbo *obi* e o verbo *odja* não apresentam uma relação, cada verbo é utilizado para um significado diferente.

(14) N' ka **odja** kara di ladron. (Guineense)
'Não vi a cara do ladrão'.
(Stein, 2021, p. 72).

As outras línguas crioulas da amostra (kabuverdianu, papiamentu, palenquero e haitiano) utilizam verbos diferentes para *ouvir*, *ver* e *entender*. O kabuverdianu utiliza os mesmo verbos que o guineense: *obi* 'ouvir', *odja* 'ver' e *ntendi* 'entender' (Quint, 1998).

(15) M-gosta di **obi** um stranjeru ta papia kiriolu. (Kabuverdianu)
'Gosto de ouvir um estrangeiro a falar crioulo'.
(Quint, 1998, p. 72)

(16) Konvem bu **ntendi** objektivu di trabadju é kusé. (Kabuverdianu)
'Convém que entendas qual o objetivo do trabalho'.
(Quint, 1998, p. 55)

(17) El **odja** pa/na karu. (Kabuverdianu)
'Ele viu o carro (e soube que aqui estavas)'.
(Quint, 1998, p. 72)

Seguindo a descrição de Jacobs (2012) e Rivera Castillo (2022), no papiamentu cada modalidade de sentido é representada por um verbo diferente. Esta língua crioula também utiliza o verbo *tende* 'ouvir', encontrado nas línguas crioulas do Golfo da Guiné,

o qual está associado ao português. Por outro lado, o papiamentu utiliza o verbo *komprondé* para *entender* e os verbos *wak, mira, weta* para *ver*.

(18) Ya bo no ta **tende** hopi, [...] (Papiamentu)
already 2SG no DUR pay attention a lot
'Não é mais tão comum ouvir isso […]'
(Rivera Castillo, 2022, p. 50, Ex. 15a).

(19) Mi a bin **komprondé** (...) ku ta (Papiamentu)
I PFV come understand that IMP
bin tin mashá opstákulo.
come have many obstacle.
'Entendi que haverá muitos obstáculos'.
(Maurer, 1988, p. 241 *apud* Jacobs, 2012, p. 206, Ex. 113a).

(20) Ora mi kana **wak**. (Papiamentu)
when 1SG march see
'Quando eu for assistir/olhar'.
(Rivera Castillo, 2022, p. 71, Ex. 20a)

A polissemia 'ouvir, entender' também não foi atestada no palenquero. A língua utiliza três verbos diferentes: *kuchá* 'ouvir', *miná* 'ver' e *entendé* 'entender' (Bickerton; Escalante; 1970; Lipski, 2015). Schwegler (2025, comunicação pessoal) indica que o verbo *kuchá* pode ser utilizado para *ouvir, escutar* e *entender* no palenquero. Entretanto, não foram constatados exemplos onde *kuchá* apareceu desvinculado do sentido de *ouvir*. Logo, optou-se pode desconsiderar a existência da polissemia semântica 'ouvir, entender' no palenquero.

(21) Bo lo **kuchá** mi-ndo-ba. (Palenquero)
2s lo hear 1s-ndo-ba
'Você está me ouvindo/escutando'.
(Lipski, 2015, p. 33, Ex. 26c).

(22) Ele e hwe lo ke tam-ba **entendé** (Palenquero)
3s CL be COMP be-ASP understand
ku abué ele.
with grandfather 3s
'Era ele quem ia ouvir/entender do avô'.
(Lipski, 2015, p. 30, Ex. 23c).

(23) I kelè **miná** bo nu. (Palenquero)
'Eu não quero ver você'.
(Bickerton; Escalante, 1970, p. 260).

No haitiano, há a indicação nos dicionários (Freeman, 2004; Targète; Urciolo, 1993) de que o verbo *tande* possui dois significados: *ouvir* e *entender*. Todavia, não foram identificados exemplos onde *tande* ocorreu como *entender* desvinculado do sentido de *ouvir*.

(24) M'**tande** you rèl pati. (Haitiano)
'Eu ouvi um choro'.
(Targète; Urciolo, 1993, p. 145).

(25) Ou **tande** kwochi sa m te di sou manman ou. (Haitiano)
'Você entendeu mal o que eu disse sobre sua mãe'.
(Valdman; Moody; Davies, 2017, p. 1057).

Em (25), o verbo *tande* é utilizado para *entender*, mas está vinculado a *ouvir*. Logo, não é possível afirmar que há a polissemia 'ouvir, entender' nesta língua crioula. Seguindo a descrição de Valdman, Moody e Davies (2017), o sentido de *entender* é melhor representado pelo verbo *konprann* 'entender, compreender', como em (26):

(26) Li pa **konprann** franse. (Haitiano)
'Ela não entende francês'.
(Valdman; Moody; Davies, 2017, p. 1778).

Desta forma, assume-se que o haitiano não possui a polissemia semântica 'ouvir, entender'. A língua emprega outro verbo, diferente de *tande*, para expressar a noção de 'compreender/saber algo'. Com relação a *ver*, o haitiano utiliza o verbo *wè*, que não tem relação com *tande* e *konprann*.

(27) M pa t al **wè** l anvan l mouri. (Haitiano)
'Não fui vê-la antes que ela morresse'.
(Valdman; Moody; Davies, 2017, p. 182).

Este artigo propõe que a polissemia semântica 'ouvir, entender' existe nas línguas crioulas do Golfo da Guiné e no guineense. São línguas lexificadas pelo português, língua em que pode existir esse uso polissêmico[22]. As outras línguas da amostra (kabuverdianu, papiamentu, palenquero e haitiano) diferenciam os termos. Na próxima seção, será discutido o processo de convergência linguística (Baptista, 2020; Faraclas *et al*., 2014) como um mecanismo de contato que pode ser utilizado para explicar a ocorrência da polissemia 'ouvir, entender' em algumas línguas da amostra (lung'Ie, santome, angolar, fa d'Ambô e guineense).

4.1 A questão da convergência linguística

Na visão de Parkvall (2012, p. 43-44), há pelo menos quatro fontes possíveis para os traços linguísticos encontrados nas línguas crioulas:

1. a língua lexificadora;
2. os substratos;
3. os universais de reestruturação; e
4. o desenvolvimento independente[23].

[22] No português brasileiro, é possível utilizar o verbo *entender* associado ao sentido de *ouvir*: *Eu não entendi/ouvi/escutei o que você falou*. Do mesmo modo, é possível utilizar o verbo *entender* para sentenças como: *Eu entendo inglês*, o que seria equivalente a *Eu sei falar inglês* ou *Eu ouço/escuto inglês e compreendo*.

[23] De acordo com Parkvall (2012, p. 44), inclui as mudanças posteriores à cristalização, motivadas internamente ou por influência de línguas de adstrato.

Segundo Parkvall (2012, p. 56), para atribuir os traços à determinada fonte, é necessário considerar, além da língua lexificadora e das línguas de substrato, as propriedades gerais dos pidgins e línguas crioulas e as descobertas dos trabalhos tipológicos e da linguística histórica. Assim sendo, é preciso falsear todas as outras origens possíveis antes de atribuir um traço a determinada fonte[24].

Tendo em vista esses aspectos, pode-se dizer que a discussão sobre alguns traços das línguas crioulas revela que, muitas vezes, mais de uma fonte pode ter desempenhado um papel na emergência e no desenvolvimento deste grupo de línguas (Parkvall, 2012). Mas, historicamente, a ideia sempre foi privilegiar uma hipótese de gênese em detrimento de outra[25]. Contudo, trabalhos como o de Faraclas *et al*. (2014) e Baptista (2020) demonstram que algumas características linguísticas podem ser interpretadas como convergência/congruência linguística, indicando a ação de mais de um *input* na constituição do mesmo traço.

Faraclas *et al*. (2014) salientam que as estruturas das línguas crioulas são resultado de convergência formal, funcional e estrutural entre as línguas europeias, as línguas africanas, um crioulo português proto-atlântico[26] e os universais linguísticos. Os autores sugerem a coexistência e a relação entre as diferentes hipóteses de gênese, indicando a existência de múltiplas vozes na estrutura dessas línguas. Faraclas *et al*. (2014) propõem que há uma multiplicidade de fatores a serem considerados na gênese das línguas crioulas atlânticas[27]. Assim, postulam que diferentes atores sociais tiveram um papel ativo neste processo: "[...] à medida que a pesquisa tipológica, descritiva, comparativa e sócio-histórica sobre as línguas crioulas atlânticas e suas línguas formadoras progride, torna-se cada vez mais difícil identificar uma única fonte para muitas palavras e construções dessas línguas crioulas"[28] (Faraclas *et al*., 2014, p. 178, tradução própria).

Almejando demonstrar como os traços são selecionados e o motivo de alguns traços serem selecionados e outros não, Baptista (2020) discute o papel da congruência linguística no processo de criação e desenvolvimento das línguas crioulas. Embasada em trabalhos prévios (Mufwene, 2001, 2008) sobre a estrutura de competição e seleção nos cenários de gênese, Baptista (2020) sugere que os traços compartilhados pelas línguas formadoras, participantes da ecologia de contato, são mais propensos a serem selecionados para a gramática crioula emergente. Se um traço existe no substrato e no superestrato, ele é percebido pelos falantes como comum, tendo em vista que coincide nas línguas fontes em forma, significado e sintaxe (Baptista, 2020). Segundo a autora, em uma estrutura de competição, onde há variantes da mesma propriedade competindo para entrar na gramática crioula, os traços familiares e mais fáceis de serem aprendidos pelos falantes costumam vencer.

Crystal (2008, p. 113) propõe que a convergência é um conceito comum nos estudos da linguística histórica e se refere ao processo de fusão de duas formas que em um estágio anterior da língua eram contrastivas. No escopo das línguas crioulas, a convergência vem sendo interpretada como o processo pelo qual uma característica linguística é resultado da atuação de mais de uma fonte de origem (Faraclas *et al*., 2014; Parkvall, 2012). Assim, a convergência pode ser utilizada para explicar os traços que

[24] Ver Parkvall (2012, p. 56-57) para o detalhamento completo acerca das origens possíveis para os traços encontrados em línguas crioulas.

[25] Ver Mufwene (1986) para uma visão sobre a complementariedade das hipóteses de gênese das línguas crioulas.

[26] No original: *Proto Atlantic Portuguese lexifier Creole* (Faraclas *et al*. 2014, p. 177).

[27] Ver Freitas (2016) sobre a convergência de hipóteses para explicar a formação do papiamentu.

[28] Trecho original: "[…] as typological, descriptive, comparative, and socio-historical research on the Atlantic Creoles and their input languages progresses, it becomes increasingly difficult to identify a single source for many Atlantic Creole words and constructions" (Faraclas *et al*., 2014, p. 178).

existem, simultaneamente, na língua lexificadora e nas línguas de substrato, por exemplo. Um dos exemplos de convergência mais discutidos nos estudos sobre línguas crioulas é a ordem básica de palavras SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), a qual é atestada nas línguas crioulas atlânticas e pode ser atribuída tanto às línguas lexificadoras quanto às línguas de substrato africano (Parkvall, 2012, p. 46).

Refletir sobre as possíveis origens dos traços presentes nas línguas crioulas é um processo importante para compreender a situação de contato linguístico e os agentes envolvidos na crioulização. Com relação à polissemia semântica 'ouvir, entender', embora seja analisada como um traço areal africano (Heine; Leyew, 2008), conforme discutido na seção 2, a sua presença em algumas línguas crioulas não pode ser atribuída inteiramente à influência areal de línguas africanas na emergência deste grupo de línguas. Portanto, sugere-se um processo de convergência linguística entre a língua lexificadora e as línguas de substrato. No caso do lung'Ie, santome, angolar, fa d'Ambô e guineense, a presença desta polissemia também remonta à língua lexificadora. No português, *ouvir* e *entender* possuem uma relação de significado.

Este artigo propõe a convergência como um mecanismo de contato que levou ao reforço e posterior conservação dessa característica (Baptista, 2020) em algumas línguas crioulas da amostra. O fato de o traço ocorrer nas línguas de substrato como uma característica areal africana (Heine; Leyew, 2008) e de existir uma relação semântica entre *ouvir* e *entender* no português é relevante para explicar sua ocorrência em algumas línguas crioulas da amostra. Tendo em vista o modelo de Baptista (2020), no cenário de gênese dessas línguas, provavelmente, a presença da polissemia 'ouvir, entender' nos dois grandes grupos de línguas formadoras contribuiu para a sua conservação. Portanto, este traço é analisado como um caso de convergência linguística porque não pode ser atribuído a uma única fonte que atuou na formação das línguas crioulas atlânticas da amostra.

5. CONCLUSÃO

Este estudo tinha como objetivo principal descrever e analisar a ocorrência de três polissemias ('animal, carne', 'beber/puxar, fumar' e 'ouvir/ver, entender') (Heine; Leyew, 2008) em nove línguas crioulas atlânticas: lung'Ie, santome, angolar, fa d'Ambô, guineense, kabuverdianu, papiamentu, palenquero e haitiano. Foi demonstrado que a polissemia semântica 'ouvir, entender' ocorre em cinco línguas crioulas da amostra: lung'Ie, santome, angolar, fa d'Ambô e guineense. A polissemia 'beber, fumar' foi constatada em duas línguas da amostra: lung'Ie e fa d'Ambô. Já a polissemia 'animal, carne' não ocorreu em nenhuma língua da amostra, todas as línguas diferenciam os dois substantivos. Igualmente, as polissemias 'ver, entender' e 'puxar, fumar' não foram constatadas nas línguas crioulas atlânticas investigadas.

A polissemia 'beber, fumar' está associada à influência de línguas africanas na formação das línguas crioulas atlânticas, já que o uso polissêmico desses verbos no lung'Ie e fa d'Ambô não pode ser atribuído ao português, a língua lexificadora. Diferentemente, a polissemia 'ouvir, entender' foi interpretada como um caso de convergência linguística (Faraclas *et al*., 2014; Baptista, 2020) entre as línguas de substrato e a língua lexificadora. Embora a polissemia 'ouvir, entender' seja analisada como um traço areal africano (Heine; Leyew, 2008), vale ressaltar que, no português, é possível que os verbos *ouvir* e *entender* sejam intercambiáveis, indicando a existência da polissemia em alguns contextos. Logo, neste artigo, a polissemia 'ouvir, entender' não pode ser interpretada inteiramente como um caso de influência areal africana nas línguas

da amostra, sendo considerada como um traço que é resultado de convergência linguística.

A ocorrência simultânea dos três tipos de polissemias em uma língua tem sido associada à tipologia de línguas africanas (Heine; Leyew, 2008). Ainda que Heine e Leyew (2008) incluam as três polissemias investigadas no conjunto de onze traços que caracteriza a África como uma área linguística, nenhuma das nove línguas crioulas atlânticas investigadas neste artigo possui os três tipos de polissemias. O lung'Ie e o fa d'Ambô são as únicas línguas da amostra que possuem ao menos duas das três polissemias: (i) 'beber, fumar' e (ii) 'ouvir, entender'. Adicionalmente, é importante salientar que, embora Greenberg (1983) aponte a polissemia 'animal, carne' como um traço *pan-africano* e indique sua possível existência em línguas crioulas da África e do Caribe (ver seção 2), essa foi a única polissemia que não foi atestada em nenhuma língua crioula da amostra.

Estudos tipológicos e comparativos permitem observar que as línguas crioulas atlânticas variam em relação à manifestação da mesma característica linguística em sua estrutura (Nunes, 2025; Parkvall, 2012). Este artigo pretendia contribuir com os estudos comparativos sobre línguas crioulas e com os estudos sobre as correspondências entre línguas crioulas e línguas africanas, sobretudo, envolvendo a perspectiva areal (Gilman, 1986; Greenberg, 1959, 1983; Heine; Leyew, 2008; Nunes, 2025). Embora Gilman (1986) e o APiCS (Huber, 2013a, 2013b) apresentem uma breve descrição, este é um dos primeiros estudos que explora polissemias semânticas em nove línguas crioulas de bases lexicais distintas e busca estabelecer relações com a ocorrência dessas polissemias em línguas africanas (Gilman, 1986; Greenberg, 1983; Heine; Leyew, 2008; Nunes, 2025). Finalmente, este artigo apresenta uma tentativa de resposta à lacuna apresentada por Parkvall (2012) acerca da escassez de estudos sobre a semântica das línguas crioulas.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à professora Dra. Ana Lívia Agostinho pela leitura atenciosa da primeira versão deste texto. Igualmente, a autora agradece aos pareceristas pelas valiosas sugestões que contribuíram com a melhoria deste artigo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001". A autora agradece o financiamento da CAPES, processo nº 88887.639125/2021-00.

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

Declaro que sou responsável pela redação do artigo intitulado "POLISSEMIAS SEMÂNTICAS NAS LÍNGUAS CRIOULAS AFRO-EUROPEIAS DO ATLÂNTICO", incluindo a revisão final para a publicação após o recebimento dos pareceres anônimos de avaliação do artigo. Enquanto autora, procedi à análise dos dados e escrevi a primeira versão do texto, além de realizar a leitura crítica do manuscrito como um todo, as discussões teórico-conceituais e a redação do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Declaro não haver conflitos de interesse na elaboração do artigo "POLISSEMIAS SEMÂNTICAS NAS LÍNGUAS CRIOULAS AFRO-EUROPEIAS DO ATLÂNTICO".

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Declaro que os dados de pesquisa do artigo intitulado "POLISSEMIAS SEMÂNTICAS NAS LÍNGUAS CRIOULAS AFRO-EUROPEIAS DO ATLÂNTICO" encontram-se no corpo do texto.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, A. L. **Fonologia e método pedagógico do lung'Ie**. 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. L. As línguas crioulas do Golfo da Guiné são línguas africanas? *In*: **África e Brasil:** Contatos linguísticos. Abralin ao vivo – Linguistics Online, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hlbCm3f0QuY. Acesso em: 15 ago. 2021.

AGOSTINHO, A. L.; ARAUJO, G. A. **Lung'Ie, lunge no:** método para aprender lung'Ie. Recurso eletrônico ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

ARAUJO, G. A.; HAGEMEIJER, T. **Dicionário livre santome/português:** Livlu-nglandji santome/putugêji. São Paulo: Hedra, 2013.

BANDEIRA, M. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BAPTISTA, M. Competition, selection, and the role of congruence in creole genesis and development. **Language**, v. 96, n. 1, p. 160-199, 2020. DOI: https://doi.org/10.1353/lan.2020.0005.

BICKERTON, D.; ESCALANTE, A. Palenquero: a Spanish-based Creole of Northern Colombia. **Lingua**, v. 24, p. 254-267, 1970.

BOYELDIEU, P. From semantic change to polysemy: The cases of "meat/animal" and "drink". *In*: VANHOVE, M. (ed.). **From Polysemy to semantic change**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 303-315.

COSTA, P. M. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

CRYSTAL, D. **A dictionary of Linguistics and Phonetics**. Sixth Edition. Hoboken: Blackwell Publishing, 2008.

FARACLAS, N. *et al*. Creoles and acts of identity: convergence and multiple voicing in the Atlantic Creoles, **PAPIA**, v. 24, n. 1, p. 173-198, 2014.

FREEMAN, B. C. **Haitian-English Dictionary**. Volume I. Fifth Edition. Port-au-Prince: Institute of Haitian Studies, 2004.

FREITAS, S. S. **Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardista na formação do papiamentu**. 2016. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GILMAN, C. African areal characteristics: sprachbund, not substrate? **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 1, n. 1, p. 33-50, 1986.

GREENBERG, J. H. Africa as a linguistic area. *In*: BASCOM, W. R.; HERSKOVITS, M. J. (eds.). **Continuity and change in African cultures**. Chicago: University of Chicago Press, 1959. p. 15-27.

GREENBERG, J. H. Some areal characteristics of African languages. *In*: DENNING, K.; KEMMER, S. (eds.). **On language**: Selected Writings of Joseph H. Greenberg. Stanford, California: Stanford University Press, 1990 [1983]. p. 484-501.

HAGEMEIJER, T. **Clause structure in santome**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

HAGEMEIJER, T.; MAURER-CECCHINI, P.; ZAMORA SEGORBE, A. **A Grammar of Fa d'Ambô**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2020.

HEINE, B.; LEYEW, Z. Is Africa a Linguistic Area? *In*: HEINE, B.; NURSE, D. (eds.). **A Linguistic Geography of Africa**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 15-35.

HUBER, M. 'Hand' and 'Arm'. *In*: MICHAELIS, S. M. *et al*. (eds.). **Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online**. 2013a. Disponível em: https://apics-online.info/parameters/112#2/13.9/10.4. Acesso em: 25 mar. 2026.

HUBER, M. 'Hear' and 'Smell'. *In*: MICHAELIS, S. M. *et al*. (eds.). **Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online**. 2013b. Disponível em: https://apics-online.info/parameters/115#2/30.4/10.0. Acesso em: 25 mar. 2026.

JACOBS, B. **Origins of a Creole:** The history of papiamentu and its african ties. Boston/Berlin: De Gruyter Mouton, 2012.

LIPSKI, J. M. On the origins of the Lengua ri Palenge (Palenquero) relativizer lo ke: the pathways of (re-)grammaticalization. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, v. 6, p. 1-41, 2015. Disponível em: https://www.acblpe.com/revista/volume-6-2015/on-the-origins-of-the-lengua-ri-palenge-palenquero-relativizer-lo-ke-the-pathways-of-re-grammaticalization. Acesso em: 30 jun. 2026.

LORENZINO, G. A. **The angolar creole portuguese of São Tomé:** Its grammar and sociolinguistic history. 1998. Dissertation (PhD in Philosophy). Graduate Faculty in Linguistics, The City University of New York, 1998.

MAURER, P. **L'angolar:** um créole afro-portugais parlé à São Tomé: Notes de grammaire, textes, vocabulaires. Hamburg: Buske, 1995.

MAURER, P. **Principense (Lung'Ie)**: Grammar, Texts, and Vocabulary of the Afro-Portuguese Creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea. London/Colombo: Battlebridge Publications, 2009.

MICHAELIS, S. M. *et al*. **Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: https://apics-online.info/. Acesso em: 25 mar. 2026.

MUFWENE, S. S. The universalist and substrata hypotheses complement one another. *In*: MUYSKEN, P.; SMITH, N. (eds.). **Substrata versus Universals in creole genesis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 129-162.

MUFWENE, S. S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MUFWENE, S. **Language evolution:** Contact, competition and change. London: Continuum, 2008.

NUNES, A. H. H. **Uma abordagem areal das línguas crioulas afro-europeias do Atlântico**. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

OKEKE, G. T.; OKEKE, C. O. On the semantic-pragmatic interface of Igbo verbs of perception. **Cogent Arts & Humanities**, v. 9, n.1, 2025991, p. 1-21, 2022. DOI: https://doi.org/10.1080/23311983.2022.2025991.

PARKVALL, M. **Da África para o Atlântico**. Tradução de Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

QUINT, N. A. **Dicionário Caboverdiano-Português**: Variante de Santiago. Verbalis, 1998.

RIVERA CASTILLO, Y. **A description of Papiamentu:** a Creole language of the Caribbean area. Boston: Brill, 2022.

SANTOS, N. da A.; AGOSTINHO, A. L. O Guineense: sócio-história e situação linguística. **Revista A cor das Letras**, Feira de Santana, v. 25, n. 1, p. 192-212, 2024. DOI: https://doi.org/10.13102/cl.v25i1.11207.

SCANTAMBURLO, L. **Dicionário do guineense**. Volume II – Dicionário guineense-português. Bissau/Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

STEIN, C. C. **Dicionário Bilíngue**: Português Crioulo de Guiné-Bissau. Volume I. João Pessoa: Editora da UFPB, 2021.

TARGÈTE, J.; URCIOLO, R. G. **Haitian Creole – English Dictionary**. Kensington: Dp Dunwoody Press, 1993.

THOMASON, S. G. Linguistic areas and language history. **Studies in Slavic and General Linguistics**, v. 28 (Languages in Contact), p. 311-327, 2000.

VAN PUTTEN, S. Perception verbs and the conceptualization of the senses: The case of Avatime. **Linguistics**, v. 58, n. 2, p. 425-462, 2020. DOI: https://doi.org/10.1515/ling-2020-0039.

VANHOVE, M. Semantic associations between sensory modalities, prehension and mental perceptions: A crosslinguistic perspective. *In*: VANHOVE, M. (ed.). **From Polysemy to semantic change**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008, p. 341-370.

VIBERG, A. The verbs of perception: a typological study. **Linguistics:** An Interdisciplinary Journal of the Language Sciences, v. 21, n. 1, p. 123-162, 1983.

VALDMAN, A.; MOODY, M. D.; DAVIES, T. E. **English-Haitian Creole**: bilingual dictionary. Indiana University Creole Institute. Bloomington: iUniverse, 2017.

ZAMORA SEGORBE, A. **Gramática descriptiva del fá d'ambô II**. Guinea Ecuatorial: CEIBA Ediciones, 2007.

Recebido: 1/4/2026
Aceito: 30/6/2026
Publicado: 29/7/2026